

130 A procura por uma Arca de Noé

ELIANE CANTANHÊDE

BRASILIA — O esmagador favoritismo de Fernando Collor de Mello nas pesquisas de opinião caiu como um dilúvio nos partidos e, sobretudo, nas outras candidaturas. Rapidamente, os parlamentares mais aflitos começaram a falar numa grande aliança nacional, ou pacto, que como uma "arca de Noé", conduzisse a fauna política para o confronto, já em 15 de novembro, com o candidato favorito, que não tem estrutura partidária nem significativos apoios na sua classe. Essa arca, contudo, está fazendo água antes mesmo de ser lançada ao mar da sucessão presidencial.

Dois candidatos lanterninhas nas pesquisas, Roberto Freire, do PCB, e Guilherme Afif Domingos, do PL, se reuniram ontem exatamente para desmanchar a tese da aliança anticollor. "É preciso parar com essa paranoia das pesquisas", declarou Freire. "A sociedade precisa conhecer os projetos de Brasil dos candidatos", acrescenta Afif. Ambos consideram que a tese de uma "arca de Noé", a cinco meses do primeiro turno, é tão emocional quanto a própria manifestação do eleitorado nas pesquisas.

Roberto Freire lembra que Collor é a segunda opção da maioria dos eleitores de todos os outros candidatos — exceto dos dele, Freire — e que, portanto, a aritmética é simples: se o candidato "A" desistir em favor de "B", os seus cinco ou seis por cento de votos vão acabar indo mesmo para "C" — de Collor. Portanto, o mais provável é que os candidatos continuem no páreo, sob uma expectativa de aliança só no segundo turno.

Do alto de seus 50 anos de vida pública, sua estatura moral e seu imenso partido, o PMDB, o candidato Ulysses Guimarães é o que mais se bate por uma aliança desde o primeiro turno. Não é por outra coisa, por exemplo, que ele sempre elogia o PSDB, conversa com Aureliano Chaves, do PFL, e diz publicamente que está empenhado numa coligação com o PTB.

Ocorre que nem os ulyssistas estão convencidos da viabilidade de um projeto dessa envergadura antes do primeiro turno, ou pelo menos muito antes. O senador paulista Severo Gomes, por exemplo, acha que qualquer aliança do gênero só poderá favorecer o próprio Collor: "Os políticos estão em baixa. Se os caciques se unirem contra Collor, o eleitorado vai aumentar ainda mais o coro do índio", analisa.

O tucano Mário Covas também trabalha com a tese da aliança, mas com uma diferença fundamental em relação a Ulysses. Covas e seu PSDB conversam profusamente, não com os partidos, mas com as dissidências refratárias aos candidatos próprios e à tentação de collorir.

Fernando Collor de Mello, hoje, é quase um candidato único, mas segundo o comunista Freire "quem tem que se preocupar é quem está caindo, não quem tem espaço para subir". O momento é bom para mostrar quem é capaz de ocupar esse espaço. A tese de uma "Arca de Noé" só vai vingar com um Noé. Se ele surgir.